A construção do afeto no jornal impresso (jornalismo a more geométrico) [1]

Wellington PEREIRA[2]
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo demonstrar como o afeto, a partir da Ética de Spinoza, sofre modificações semânticas e etimológicas quando explicado a partir de três teorias jornalíticas: espelho, *gatekeeper* e organizacional. Sendo os afetos formas das conexões das ações em sociedade, vamos verificar como estas teorias "enquadram" o conceito de afeto a partir de uma unidade lógica (teoria do espelho), uma seleção pessoal que atrofia o desejo em nome de um livre-arbítrio técnico (*gatekeeper*) e promove uma divisão social dos afetos (teoria organizacional).

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Forma. Teoria. Jornal, Jornalismo.

As teorias do jornalismo e vida referencial

O jornalismo deve ser pensando como um campo teórico para que o seu exercício não seja negado por falsas evidências.

A produção científica sobre o jornalismo deve ser exercida com acuidade metodológica para que esta não seja confundida com os campos da recepção, da Comunicação Social, da mídia e da análise de discurso. Mas como perceber as nuanças da produção jornalística em suas relações com outros campos?

No jornalismo habitam várias formas discursivas. Para compreender os significados produzidos pelos discursos se faz necessário verificar as fronteiras epistemológicas (territórios do conhecimento) que dividem os espaços jornalísticos, desde o projeto gráfico até a construção das linguagens verbais e não verbais.

Nas teorias que definem a difusão organização e manipulação da informação, o jornalismo é concebido como uma das retóricas da sociedade burguesa, ou seja: fala de um mundo cujo nexo é o dinheiro através da transformação das energias sociais em força de trabalho que produzem bens simbólicos.

---

[1] Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Prof. Dr. do Curso de Mídias Digitais e do Programa em Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ/UFPB), email: wjdop@uol.com.br.mailto:jpsilva2008@usp.br

Ao estabelecer uma "prosa" concomitante à realidade, o jornalismo procura controlar o fluxo das informações, promovendo modelos retóricos que determinam os discursos produzidos em sociedade e as suas influências no cotidiano. Por isto, a linguagem jornalística tem a pretensão de ser o espelho do mundo.

Um espelho que reflete as aparências de forma realista, sem admitir relativismo, contradições. Esta é a pretensão do jornalismo informativo.

Mas as notícias representam com fidelidade os fatos sociais?

Não! As notícias não são espelhos da realidade. Elas são construções socioculturais embaladas por recheios ideológicos.

A ideia de que os jornalistas são, simplesmente, mediadores sociais nos remete à Teoria do Espelho, cujo determinismo pode ser explicado por Nelson Traquina (2001, p.65):

> A primeira teoria oferecida para explicar 'por que as notícias são como são' é a teoria oferecida pela própria ideologia dominante no campo jornalístico (pelo menos nos países ocidentais); É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são por que a realidade assim as determina.

O primeiro exercício teórico que podemos estabelecer em relação à técnica da notícia, sobretudo no jornalismo impresso, deve ser a verificação entre "o que fala" o jornal e "o que diz a realidade", com todas as implicações semânticas: arquétipos, manipulação da palavra.

Assim, podemos perguntar: a Teoria do Espelho, no jornalismo, nos ajudar a compreender melhor o mundo contemporâneo?

O estilo do cotidiano no jornalismo informativo

A partir da concepção de uma teoria do jornalismo impresso aplicada à interpretação dos fatos sociais, poderemos estabelecer alguns critérios de verificação da aplicabilidade das teorias jornalísticas para compreensão do cotidiano urbano.

Nesse sentindo, as teorias jornalísticas utilizadas como ferramentas didático-pedagógicas devem demonstrar as formas como se dá a arquitetura das informações no jornalismo impresso – considerando os níveis de linguagem – mas também evidenciar os moldes de uma cultura jornalística pertinentes a cada sociedade.

No jornalismo impresso, quer seja no exercício profissional, quer seja nas práticas acadêmicas, as teorias são os resultados de um conjunto de procedimentos técnicos, éticos e

estéticos: a teoria não isola o mundo subjetivo do mundo objetivo através de um efeito retórico argumentativo.

Como em todo campo de produção do saber, a teoria explica o mundo, mas, antes de tudo, o mundo legitima a teoria. Isso não pode ser diferente no campo jornalístico.

Ao explicar o mundo, as teorias do jornalismo impresso devem ultrapassar o caráter redutor das tautologias teoréticas – reduzindo os conceitos do Mundo da Vida (preocupação schutziana) à referencial idade dos fatos. Assim, grosso modo, podemos pensar as teorias jornalísticas a partir de três fluxos informacionais: 1) fluxo endógeno; 2) fluxo exógeno; 3) fluxo sintático-lexical.

Nesse novo tempo de contemporaneidades múltiplas, que alguns teóricos denominam de Pós-Modernidade, as teorias jornalísticas precisam ultrapassar os limites dos "emplastros conceituais" usados como recurso para diminuir a distância entre a interpretação da realidade e as formas de construção das realidades sociais.

Tomando como base esses três movimentos que caracterizam a aplicação das teorias do jornalismo impresso para compreensão do Mundo da vida, pode se verificar a aplicabilidade das mesmas. Para tanto, escolhemos três teorias: 1) Teoria do Espelho; 2) Teoria do *Gatekeeper*. 3) Teoria Organizacional.

No sentindo ensaístico, o desafio é entender qual a aplicabilidade dessas teorias no campo jornalístico para o entendimento das formas sociais determinadas e reconhecidas pelos fluxos informacionais capazes de identificar a "apresentação" dos afetos através da linguagem do jornalismo impresso.

A apresentação dos afetos no jornalismo impresso

O uso do conceito afeto nos remete à noção de Vida Afetiva que está explicita na Ética de Espinosa e discutida didaticamente por Marilena Chauí – em seu livro, Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa. Por afeto, podemos entender as formas como o nosso corpo e a nossa mente são "afetados" por fatores internos e externos, os quais podem aumentar ou diminuir a nossa potência de agir socialmente. Uma palavra importante para entender essa potencialidade de nossas ações no cotidiano é "Conatus" – a nossa força, a nossa essência de autopreservação. Assim, o afeto é o dínamo que usamos para impulsionar o viver (o motor de arranque). Espinosa estabeleceu, em sua ética, três afetos básicos: alegria, tristeza, e desejo. Marilena Chauí (2011, p. 11) explica pedagogicamente: "Quando a alegria é acompanhada de

uma causa externa, chama-se amor; quando a tristeza é acompanhada de uma causa externa, chama-se ódio; quando o desejo é alegre, chama-se contentamento; quando triste frustração".

A importância de Espinosa se dá por ter demonstrado que os afetos ocorrem simultaneamente na mente e no corpo, fugindo a divisão entre corpo e alma proposta por Descartes.

O desafio é pensar como os afetos apresentam a constituição e inferência das narrativas jornalísticas no cotidiano através da apresentação da mobilidade dos atores sociais – utilizando como filtro as teorias do Espelho, *Gatekeeper* e organizacional aplicadas ao campo jornalístico.

Nesse sentido, vamos pensar como o afeto recrudesce e avança para uma compreensão das ações dos indivíduos em sociedade.

Pensar de que forma a Teoria do Espelho – aplicada enquanto uma das formas explicativas do mundo da vida – através da linguagem jornalística – coloca os afetos como dados acabados – metafisicamente prontos.

O mundo que se apresenta como no "espelho de papel" do jornalismo impresso mostra as afecções sofridas pelos indivíduos no cotidiano, mas não explicita as formas pelas quais foram afetados e como afetam a vida cotidiana.

A Teoria do Espelho é uma forma superlativa de pensar o mundo criado pela gramaticalidade jornalística, ou seja, a vida em sociedade interpretada a partir de seus referentes jornalísticos.

Poderíamos dizer que o "espelho de papel" representado pela semiótica do jornalismo impresso e confirmado por suas teorias, nos remete ao universo das ideias platônicas ao colocar as formas de dizer o social acima dos movimentos sociais.

> A metáfora presente nesta teoria é autoexplicativa. Ela foi a primeira metodologia utilizada na tentativa de compreender porque as notícias são como são, ainda no século XIX. Sua base é ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que a conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano (PENA, 2005, p.125).

Esta definição da Teoria do Espelho proposta por Felipe Pena nos ajuda a perceber uma questão importante enfrentada para compreender a construção dos afetos nos jornalismo impresso: o afeto é apenas representação da voz dos atores sociais no discurso jornalístico?

Ao procurar responder esta questão, entramos no campo da suspensão filosófica – *epoché* – no qual há a necessidade de interpretar os afetos na vida cotidiana a partir da criação de conceitos concebidos além das causas e efeitos provocados pelos sujeitos afetivos em sociedade. Nesse sentido, a Teoria do Espelho promove a "naturalização das realidades sociohistóricas".

Ao simplificar as relações sociais, através de uma descrição-argumentativo-persuasiva, a Teoria do Espelho unifica as expressões sensoriais do mundo e nega a capacidade do leitor perceber a essência de cada elemento que constitui as formas afetivas do mundo da vida.

> Para Espinosa, toda coisa possui uma essência formal, que exprime sua realidade, e uma essência objetiva que é a ideia dessa realidade [...]. A essência objetiva de uma coisa não é, pois, na outra que a ideai dessa coisa, e se distingue da essência formal, que visa à coisa em sua realidade material ou sua forma (JAQUET, 2011, p.23).

A percepção dos conectivos linguísticos ou linguageiros que transmite aos leitores, sobretudo do jornalismo impresso, nos leva a compreender – a partir de uma Teoria do Espelho, o afeto como uma forma-geométrico-discursiva que descreve o mundo da vida (campo das intersubjetividades) sendo afetado pelas referências da razão – constituindo um campo informativo no qual os sujeitos afetam a vida cotidiana; ou as afecções sofridas pelos humanos através dos desastres naturais; ou seja, a natureza afetando os homens.

O afeto aparece, sob a ótica da Teoria do Espelho, nas narrativas jornalísticas como o mundo afetado pelas ações humanas, mas cujo resultado é sempre uma injunção entre a ética e a estética. Assim, a "oferta" de um mundo acabado em forma de noticiário não permite entender que as relações afetivas construídas entre sujeitos exprimem a unidade de potência de agir comum entre corpo e mente – um verdadeiro exercício da práxis humana.

"O afeto exprime a simultaneidade, a contemporaneidade do que se passa na mente e no corpo" (JAQUET, 2011, p.39).

Essa citação demonstra que a leitura dos afetos exercitados em sociedade deve pode demonstrar alguns problemas que a Teoria do espelho – aplicada ao Jornalismo impresso – esconde quando unifica imagens distintas, contraditórias, mas conjugadas pela potência de agir dos sujeitos em sociedade, como explicita Marilena Chauí (2011, p. 11): "Em primeiro lugar, toda realidade é concebida como artefato...".

Como o afeto é "affectus" – afetar e ser afetado por algo, a Teoria do Espelho provoca uma falsa unidade representativa da vida cotidiana, porque não revela esses "artefatos" que

constituem as relações afetivas simbolizadas socialmente pelas formas de conexão entre sujeitos e instituições.

O afeto está para o campo da ética, assim como a paixão está para o campo da moral. Isso nos revela que os afetos são como "artefatos" da ética e das formas de discurso para educação do *éthos* (CHAUÍ, 2011).

Se a ética é uma forma de legitimar – através da educação as formas sociais, e o afeto se apresenta como modo geométrico – ampliando o movimento das diferenças – que pode ser denominada alteridade – não pode ser anunciado como modelo definitivo de espelhos sociais ou argumentos apodíticos responsáveis pela "legitimação de uma Teoria do Espelho no campo jornalístico".

Gatekeeper: o controlador dos afetos

Qual a forma de distribuição dos afetos nas editorias do jornal impresso? Quem tem o poder de escolher os afetos de cada edição? Esses afetos jornalísticos correspondem às paixões sociais?

Essas questões podem ser discutidas em três níveis linguageiros singularizados em cada editoria do jornal: 1) O afeto é visto como algo pertencente ao campo da subjetividade – um modo unívoco das emoções; 2) O afeto é discursivamente fabricado por quem tem poder de afetar o mundo através de linguagens técnicas; 3) Os afetos são confundidos com paixões e as demandas criadas para alimentá-las.

Tudo isso determinado pela ação de um demiurgo jornalístico criado pela Teoria do *Gatekeeper*:

> O *gatekeeper* é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal. A metáfora é clara e direta. O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia. Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícias aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista. Ele é o responsável pela progressão da notícia ou por sua 'morte', opta por não deixá-la prosseguir, o que significa evitar a publicação (PENA, 2005, p.133).

O *gatekeeper* – como selecionador dos afetos estaria selecionando os afetos de acordo com a natureza subjetiva – o que no plano da informação referencial se confunde com a interferência estética (empobrecida pela ordem da opinião) promovida por relatos que fogem ao controle da racionalização dos relatos, subjugando a sensibilidade às emoções pessoais.

Ao colocar o afeto no campo das emoções pessoais – no púlpito da astúcia da razão. O *gatekeeper* edita os afetos como fatos totais, mas passionais, pertencente à ordem dos fatos diversos, insólitos e singularizados, através da violência e do romantismo acrítico das efemérides comerciais: dia das mães, dia dos namorados, dia da secretária.

Quando pretende discursar sobre afeto, o *gatekeeper* prefere textos leves, enunciado metafórico capaz de demonstrar a força do *páthos* em relação ao logos.

O afeto a parece como forma iniciar para a adequação das paixões. Ou seja, ao contrário do que pensa Spinosa (2010), as formas inadequadas às razões externas (paixões) passam a determinar às formas adequadas às razões internas (afetos).

O jornalismo gera paixões que geram afetos. Spinosa nos ajuda a refletir sobre esta assertiva: "Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só". (SPINOSA, 2010, p.163).

No jornal impresso, as paixões são demandas criadas para determinar afetos e esses diante do predomínio da cultura informacional passam a ser causas inadequadas, ou contrárias do que pensa Spinosa:

> Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicando. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão (SPINOSA, 2010, p.163).

O que se problematiza na escolha e distribuição de emoções (confundidas com *aisthesis* – prazer sensorial) por parte do *gatekeeper* é o caráter apriorístico, a capacidade de demonstrar – através da informação jornalística – que afeto significa "escritura" das ações sociais, do papel exercitado pelos sujeitos na fratura entre o social e a sociedade – tampouco presa à moral estoica ou à liberdade epicurista: mas signo da cidadania.

Uma teoria para organizar os afetos

Como pensar a construção dos afetos no jornalismo impresso explicada a partir da Teoria Organizacional? Em primeiro lugar, vamos procurar definir o que é essa teoria quando aplicada ao jornalismo:

> Mas o fato é que, pela teoria organizacional, o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização. E o fator econômico é exatamente o mais influente de seus condicionantes. O que, para uma classificação genérica, coloca essa teoria como uma vertente da ação política (PENA, 2005, p. 135).

A forma de perceber os afetos no jornalismo, a partir da Teoria Organizacional aplicada ao jornalismo evidencia, de forma geral, a divisão cartesiana entre corpo e alma, ou seja: os gêneros jornalísticos, sobretudo a notícia, anunciam e enunciam (no caso da reportagem) as ações humanas ora presas às afecções dos corpos provocadas pela sociedade; ora, o mundo da vida afetando os corpos. Àquele, correspondem os fatos gerados pelos cidadãos que obedecem às injunções éticas (a crise permanente de reconhecimento entre consciência e corpos); esta (em se tratando de afetação do mundo), os desastres "naturais", como se a natureza e o homo sapiens não fosse partes da mesma Bios.

O importante é notar que há uma hierarquização dos afetos é função do processo de difusão das informações em função da importância retórico-persuasiva. Portanto, o deslocamento das ideias para além do corpo e do corpo pra além das ideias, geral uma desnaturalização de ambos, o que nos remete à preocupação de Spinoza:

> Os que escrevem sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela, Ou melhor, parecem conceber o homem na natureza como um império no império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio [...] (SPINOZA, 2010, p. 161).

Como evitar uma "taxonomia" dos afetos inscritos na gramaticalidade jornalística? Em primeiro lugar, se faz premente entender que a divisão entre corpo e mente (do ponto de vista do reconhecimento dos afetos) não tem a mesma lógica de uma divisão social do trabalho, pois no mundo afetivo o corpo e a mente produzem afecções que regulam o diálogo entre eles, mas no mundo da produção industrial, da sociedade de consumo corpo – para usar um conceito caro a Spinoza – é apenas a res-extensa (coisa) no qual se aplica o que a mente produz, o contrário do pensamento spinosano:

> Ora, a ideia que constitui a forma de um afeto deve indicar ou exprimir o estado do corpo ou de alguma de suas partes, estado que o próprio corpo ou alguma de suas partes (sic) tem porque sua potência de agir ou sua força de existir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada [...]. (SPINOZA, 2010, p. 259).

Ao invés de dividir os afetos em fatos sociais singulares que demarcam uma nova temporalidade narrativa, mas a partir de discursos especializados: o afeto psicanalítico, o afeto sociológico ou as antropologias do afeto, é preciso entender a capacidade não reguladora da potência de agir do corpo e da mente – capazes de demonstrar a constituição e permanência de fatos históricos, como as pequenas revoluções promovidas pelas associações (aparentemente desconexas) de diferentes matizes estético-ideológicos na vida cotidiana.

Portanto, através da Teoria Organizacional aplicada ao jornalismo, o desejo, como essência da potência de agir humana se "hierarquiza" e obscurece a compreensão da troca sinestésica entre mente e corpo no amálgama das realidades sociais.

À guisa de conclusão

Ao explicar a práxis jornalista através das teorias do espelho, *gatekeeper* e organizacional – e o conflito enfrentado para perceber o afeto no mundo da vida – percebemos uma contradição metodológica cara à Ética de Spinoza: a relação entre corpo e mente sofre assepsias, enquadramentos e hierarquização – que procuram ser evidenciadas nas características dos gêneros jornalísticos, como: notícia, reportagem e entrevista.

O afeto – como potência de agir dos seres humanos é apresentado como fato insólito – quando aparece como produto da mente (e provavelmente recuperado no gênero entrevista), e materializado ao ressaltar as afecções físicas emprestadas às informações referenciais particularizadas na notícia e na reportagem.

No jornalismo impresso o afeto não aparece como ação dialógica, mas como ornato metafórico de particularidades linguísticas.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.